



## II ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 03 a 05 de maio de 2006, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

### COMUNIDADES VIRTUAIS: REFLEXÕES SOBRE MULTICULTURALISMO E COSMOPOLITISMO NA REDE

Renata Francisco Baldanza<sup>1</sup>  
Nelsio Rodrigues de Abreu<sup>2</sup>

**Resumo:** Com o surgimento da internet, uma nova forma de organização comunitária emerge: as comunidades virtuais. Elas envolvem indivíduos num espaço onde as diversas culturas se misturam, uma vez que seus participantes podem ser de locais distintos. A partir desse contato e trânsito de seus membros por vários ambientes virtuais e principalmente de sua interação com pessoas de locais e culturas diferentes é que pode-se vislumbrar as comunidades virtuais como potencializadoras de uma nova forma de cosmopolitismo. Este artigo, elaborado com auxílio de revisão bibliográfica, traz reflexões acerca dessas questões, buscando entender a utilização das comunidades virtuais por indivíduos de locais e culturas diferentes, apontando a possibilidade de ser pensar em aspectos como multiculturalismo e cosmopolitismo no ciberespaço.

**Palavras-chave:** Cosmopolitismo, multiculturalismo, comunidades virtuais, ciberespaço.

#### 1. Introdução

No começo deste século XXI, percebemos cada vez mais um fenômeno que desponta e tende a alterar a relação dos movimentos sociais com os meios de comunicação: a internet. Podemos começar a analisar que a rede digital maximiza intercâmbios entre produtores, receptores e emissores, trazendo a possibilidade de os usuários se assumirem como atores comunicantes, ou seja, como “neurônios de um cérebro planetário” (ROSNAY *apud* MORAES, 2005), que tem a possibilidade de produzir, pensar, analisar, debater, refletir.

O ciberespaço funda uma ecologia comunicacional: todos dividem um colossal hipertexto, formado por interconexões generalizadas, que se auto-organiza continuamente. Assim, trata-se de um conjunto vivo de significações, no qual tudo está

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. [renatafrans@yahoo.com.br](mailto:renatafrans@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutor em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração – PGA da Universidade Federal de Lavras – UFLA. [nelsio@gmail.com](mailto:nelsio@gmail.com)

em contato com tudo: os hiperdocumentos entre si, as pessoas entre si, e os hiperdocumentos com as pessoas (MORAES, 2005).

Nesse ambiente tendencialmente interativo, é que apontamos a tentativa das pessoas de se entremear em uma forma alternativa de comunicação e interação, onde têm a possibilidade de construir uma sociabilidade, transitar por vários ambientes e interagir com pessoas de locais e culturas distintas.

Cada vez mais indivíduos têm acesso às redes sociais na internet, e podemos apontar um dos principais meios de concretização dessa sociabilidade virtual: as comunidades virtuais. Essas comunidades vêm crescendo de forma gigantesca esse espalhando pela rede de forma muito rápida.

De acordo com os dados do IBOPE, coletados no primeiro trimestre deste ano, o Brasil apresenta uma das maiores concentrações de uso de cinco, das oitenta e quatro subcategorias de utilização da internet. Dessas cinco subcategorias, as comunidades virtuais são apontadas como a de maior interesse dos brasileiros com 20,5% dos acessos domiciliares à internet, superando inclusive o acesso aos *e-mails* que aparece em segundo lugar com 11,3% dos acessos (IBOPE, 2005)

Tendo em vista todo esse crescimento, podemos perceber que cada vez mais, que as pessoas estão procurando nas comunidades virtuais novas formas de sociabilização, e assim essas comunidades tornam-se mais uma alternativa do processo que o homem mais utiliza desde seus primórdios: a comunicação.

Entretanto, como as comunidades virtuais encontram-se em ambiente virtual, os limites geográficos não são mais condição necessária à sua existência enquanto comunidade, sendo que os laços de interesses em comum, afetividade e debate são as características marcantes das comunidades virtuais. Sendo assim, podemos afirmar que em uma comunidade virtual, pode-se encontrar pessoas de diversos lugares, que têm contato com culturas distintas, e que podem por vezes, terem opiniões divergentes e enriquecedoras sobre certos contextos, e é a partir daí que percebemos que as comunidades virtuais podem abrigar uma grande diversidade de cultura em um mesmo ambiente, fazendo com que seus membros estejam em contato com as mais variadas formas de pensar, tendo em vista as diversas localidades de seus participantes.

Outro fator que merece nossa atenção quanto a esta discussão, é que normalmente, os membros de uma comunidade virtual fazem parte também de outras comunidades virtuais, tendo possibilidade não só de transitar entre várias comunidades virtuais, ou mesmo 'viajar' virtualmente por locais diversos, fazendo com que possamos

começar a analisar conexões entre os conceitos de multiculturalismo e cosmopolitismo, bem como suas possíveis conexões em ambiente virtual.

Assim, a possibilidade de pensarmos em cosmopolitismo e multiculturalismo e suas relações com as comunidades virtuais, pode ser possível uma vez que uma mesma pessoa pode percorrer diversas comunidades virtuais, e entrar em contato, mesmo que mediado por um aparato tecnológico, com pessoas de locais e culturas diversas.

No entanto, para que se possa ter um melhor entendimento sobre estas questões e principalmente sobre essa interconexão, faz-se necessário o entendimento dos conceitos sobre comunidades, cosmopolitismo e multiculturalismo, a fim de que se possa associar estes conceitos às novas formas e utilizações no ambiente virtual, e mais especificamente numa forma de espaço alternativo de interação oriunda deste meio: as comunidades virtuais.

## **2. Das Comunidades tradicionais às Comunidades Virtuais**

A palavra comunidade é oriunda do termo latim *communis* e quer dizer ‘pertence a todos, ou a muitos’, mas outras significações da palavra também são encontradas e entre elas destaca-se lugar onde as pessoas vivem agremiadas, comunhão, uniformidade e identidade (Tajra, 2002).

A idéia de comunidade moderna, conforme Recuero (2004), começou a se distinguir de seu protótipo antigo, apoiando-se em diferentes princípios de coesão entre seus elementos constituintes, como contraste entre parentesco e território, sentimentos e interesses. Completando, de acordo com Palacios (1998), os sentimentos que caracterizam essa comunidade são os sentimentos de pertencimento, territorialidade, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, a emergência de um projeto em comum, e a existência de formas próprias de comunicação.

Weber (1987, p.77) utiliza como exemplo básico de comunidade a relação: “chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal - baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”.

Buber (1987, p.39) observa que, a “humanidade que teve sua origem em uma comunidade primitiva obscura e sem beleza e passo pela crescente escravidão da ‘sociedade’, chegará a uma nova comunidade que, diferentemente da primeira, não terá mais como base laços de sangue, mas laços de escolha”.

No entanto, de acordo com Bauman (2003), o mundo não mais se resume a apenas ‘comunidades cercadas’, tão valorizadas no mercado imobiliário, pois o conceito de ‘lugar’, onde se espera estar seguro e passar toda a vida também sofre mudanças. Com isso, pode-se perceber que não mais se pertence a um único local, ou seja, pode-se começar a enxergar a ‘cosmopolidade’ neste contexto. Assim, é a partir dessa nova visão é que se pode enquadrar um novo tipo de comunidade que emergiu a partir do advento das novas tecnologias de informação e comunicação, que são as chamadas comunidades virtuais.

De modo geral, ‘comunidade virtual’ é o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço através da comunicação mediada pelas redes de computadores (CMC). Rheingold (1996, p.5), define comunidade virtual como “um agregado social que surge na Internet, quando um conjunto de pessoas leva adiante discussões públicas longas o suficiente, e com suficiente emoção, para estabelecerem redes de relacionamentos no ciberespaço”. Para Castells (1999, p.385), as comunidades virtuais geralmente são entendidas como uma “rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo”.

De acordo com Tajra (2002), comunidade virtual pode ser entendida como um conjunto de pessoas disponíveis para interesses comuns, que não necessariamente estão presentes, mas podem estar em diferentes posições geográficas e temporárias. Lemos (2002, p.93) completa que “essas comunidades seriam agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”.

Reinghold (1996) destaca como elementos formadores de uma comunidade virtual as discussões públicas, as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda mantêm contato através da Internet, para levar adiante a discussão e os sentimentos. Esses elementos, combinados através do ciberespaço, poderiam ser formadores de redes de relações sociais, constituindo-se em comunidades, que podem ser extensões das comunidades presenciais, ou mais uma potencialidade de ser e poder ser das circunstâncias presenciais. Assim, elas existem no ciberespaço, possuem caráter de comunhão e de identidade (Wellman et al., 1996).

Construir comunidades virtuais faz parte de uma nova realidade, que integra seres humanos com interesses comuns e com o intuito de auto-desenvolvimento. Nas comunidades virtuais todos os participantes podem ser potencialmente construtores de

conhecimento, e podem participar ativamente dos processos envolvidos uma vez que estão num ambiente que possibilita a participação e cooperação.

Para Teixeira Filho (2002), uma comunidade virtual pode organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação. Seus membros estão reunidos pelos mesmos interesses e pelos mesmos problemas, e apesar da ‘não presença’ em uma comunidade virtual, as pessoas encontram muitos dos elementos humanos de uma interação normal.

Assim, pode-se verificar nas comunidades virtuais, a aplicabilidade do conceito de ‘sociabilidade’, definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas (Lemos 2002). Nestes espaços virtuais são produzidas relações de colaboração e cooperação entre as pessoas, e acaba por se tornar um ambiente construtivo e principalmente participativo. Assim, pode-se afirmar que as comunidades virtuais são o resultado do impacto das novas tecnologias de comunicação na estrutura social.

Porém, conforme afirma Lévy (1999), para que um indivíduo se integre em uma comunidade virtual, é necessário que este conheça seus membros, e que os membros o reconheçam como um dos seus. A partir daí, os indivíduos são imersos em um mundo virtual, onde possuem uma imagem de si mesmos e de sua situação, e assim, cada ato do indivíduo ou do grupo no mundo virtual modifica esse mundo e também sua imagem perante aos demais.

Rumo à globalização, o espaço ganhou uma nova significação. Podemos contatar e atingir locais longínquos sem sair do lugar. Assim, uma comunidade virtual não é irreal, ou imaginária, mas trata-se de um coletivo mais ou menos permanente que se organiza no ciberespaço. Pode-se então sustentar que as chamadas comunidades virtuais, realizam de fato uma verdadeira atualização de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço, ou seja, grupos que antes eram geograficamente e culturalmente separados, agora podem se unir em uma comunidade, mesmo que em ambiente *online*.

Algumas características importantes podem ser encontradas em comunidades virtuais que muito se assemelham às comunidades tradicionais. De acordo com Marcelo (2005), as comunidades virtuais são constituídas por pessoas reais, que estabelecem relações reais e que encontram nos dispositivos tecnológicos a possibilidade de fazerem juntas muitas ‘coisas reais’, como a troca de experiências, sentimentos etc. As motivações das pessoas que integram as comunidades virtuais passam pela procura de informações, pela vontade de se comunicar não só com pessoas que se conhecem fora

da rede, mas também com pessoas que ainda não se conhecem e com as quais procuram estabelecer relações da mais diversa índole.

Também de acordo com Rheingold (1996), pode-se identificar nas comunidades virtuais algumas das características das comunidades tradicionais, ainda que a interação seja mediada e não seja, portanto, possível estabelecer uma relação face a face. Assim, a interação entre os membros dessa comunidade é transferida de um espaço físico para um outro espaço concebido pelo ciberespaço. Verifica-se então que, a exemplo da comunidade tradicional, a comunidade virtual abriga um grupo de pessoas que estabelecem entre si laços sociais, cuja interação se circunscreve a um determinado espaço, ainda que não físico, mas que não deixa, apesar disso, de ser um espaço delimitado.

Nas comunidades virtuais, desenvolve-se, a exemplo das tradicionais, um sentimento de pertença entre os elementos que as compõem. Este sentimento, de acordo com Marcelo (2005), constitui uma das características mais importantes, senão a mais importante dessas comunidades. Porém, uma forte característica que distingue as comunidades virtuais das tradicionais, é a facilidade com que um membro de uma comunidade virtual pode se desligar da mesma, uma vez que para que isso ocorra em uma comunidade tradicional, faz necessárias várias mudanças, principalmente geograficamente falando, já nas comunidades virtuais basta apenas um comando em um computador, para que haja total desligamento do indivíduo.

Entretanto, não queremos aqui afirmar que as comunidades virtuais são a nova versão de interação e sociabilidade humana, nem que as comunidades tradicionais estão condenadas à extinção sendo substituídas pela rede, mas podemos sim começar a analisá-las de forma a perceber que as comunidades virtuais são um meio alternativo de conhecer e estar em contato com outras culturas, outras formas de pensar, de interagir e de sociabilizar.

É importante ressaltar que o incremento das relações mediadas por computador, não implica que as relações sociais diretas tenham sido suplantadas. Esta sociabilidade é, então realizada no ciberespaço; a vivência em comunidade realiza-se num outro espaço que não o físico, mas que amplia e alarga as relações sociais: o virtual complementa o real (Marcelo, 2005).

### 3. Multiculturalismo e internet

Atualmente, uma das transformações que podem ser observadas nas últimas décadas parece ser o descentramento – em vários sentidos e não apenas no territorial. Descentramento do sujeito e das identidades, bem como geográfico, facilitado pelo desenvolvimento tecnológico e pelas tendências multiculturalistas que se intensificam a partir da década de 80 (PRYSTHON, 2005). Tais descentramentos supõem também a dissolução de fronteiras, de heterogeneidade cultural, e de interpenetração entre mundo tecnológico e mundo natural, universal e regional, global e local. Este diálogo entre mundos, às vezes podem até se opor, mas percebe-se atualmente que estão cada vez mais se complementando. Com isso, o multiculturalismo torna-se legitimador do convívio de diversas culturas em um mesmo ambiente. Mas, para entendermos melhor como ocorre esse processo, e como podemos analisar o multiculturalismo sob uma ótica virtual, transcorreremos brevemente sobre os conceitos de multiculturalismo.

A palavra *multiculturalismo* tem geralmente uma conotação positiva: refere-se à coexistência enriquecedora de diversos pontos de vista, interpretações, visões, atitudes, provenientes de diferentes bagagens culturais. O termo serve de etiqueta para uma posição intelectual aberta e flexível, baseada no respeito desta diversidade e na rejeição de todo preconceito ou hierarquia.

A expressão multiculturalismo designa, de acordo com a afirmação de Boaventura Santos (2003, p. 26-27)

a coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio de sociedades “modernas. Rapidamente contudo, o termo se tornou um modo de descrever as diferenças culturais em um contexto transnacional e global [...]. Outra concepção que coexiste com a anterior, reconhece a pluralidade de culturas, definindo-as como totalidades complexas [...] permitindo caracterizar modos de vida baseados em condições materiais e simbólicas.

Este, denomina uma variedade de articulações, idéias e prática sociais. Multicultural, é por definição plural, portanto é culturalmente heterogêneo. No entanto, esse processo tem assumido novas formas, ao mesmo tempo em que tem se intensificado (HALL, 2003).

Portanto, ele apregoa uma visão caleidoscópica da vida e da fertilidade do espírito humano, na qual cada indivíduo transcende o marco estreito da sua própria formação cultural e é capaz de ver, sentir e interpretar por meio de outras apreciações culturais. O modelo humano resultante é tolerante, compreensivo, amplo, sensível e

fundamentalmente rico: a capacidade interpretativa, de observação e até emotiva, se multiplica.

Podemos então complementar essa visão do multiculturalismo como “a cultura não restrita à etnia, à nação ou à nacionalidade, mas como um lugar de direitos coletivos para a determinação própria de grupos” (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural).

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural).

Cada vez mais o tema multiculturalismo ocupa espaço nos projetos de reconstrução da sociedade e da convivência entre os cidadãos em vários países do mundo. As culturas estão vinculadas principalmente a interações e a relações sociais, e só indiretamente e sem necessidade lógica, vinculadas a áreas particulares no espaço físico. Hannerz (1998, p. 253) afirma que

As relações menos sociais estão confinadas a limites territoriais, e a que está menos confinada territorialmente é a cultura; e principalmente em nossos dias, podemos contrastar em termos gerais as culturas que estão confinadas territorialmente [...] com aquelas que são veiculadas, como estruturas coletivas de significados, por redes mais amplas, transnacionais e até mesmo globais.

No entanto, o multiculturalismo não nasceu no período pós-moderno. Mas embora este não tenha nascido no período pós-moderno, ele floresceu e desenvolveu-se de maneira impressionante nesta época, porque este é o período das contestações, do abandono e da rejeição dos padrões e das crenças anteriores.

Assim, a tentativa dos pós-modernistas é de dismantelar todos os sistemas construídos anteriormente. Todos os paradigmas do passado têm que ser repensados. Aquilo que era central tende a ir para a periferia e as coisas periféricas do passado tendem a estar no centro. No pós-modernismo as minorias têm tido a prioridade. Agora é o tempo dos direitos de todos os marginalizados pelo pré-modernismo teológico e ético. Agora é a vez daqueles que têm sido vítimas da opressão, como os negros, os "gays," as feministas, pessoas menos favorecidas financeiramente etc. Agora é a vez



deles mostrarem o seu poder, que até agora esteve nas mãos daqueles que controlaram a ética e a moral

No entanto, o conceito de multiculturalismo é, de acordo com Boaventura (2003), atravessado por tensões. Enquanto descrição, é possível falar de: a existência de uma multiplicidade de culturas; a co-existência de culturas diversas que dividem um mesmo ambiente, ou o Estado-nação; e a existência de culturas que se interinfluenciam tanto dentro como além do Estado-nação.

É a partir dessa última visão, que podemos então pensar numa conexão entre o multiculturalismo e as comunidades virtuais, pois que as mesmas podem contribuir para a intensificação desse processo, uma vez que possibilitam, mesmo que de forma ainda restrita, a interação e sociabilização entre pessoas de diferentes locais, diferentes culturas, e com visões diferentes ou muitas vezes complementares das sociedades.

#### **4. O cosmopolitismo e suas formas de realização**

A história do deslocamento marca a sociedade moderna. Todos os produtos da nossa cultura atual são produzidos e reproduzidos como elogio à mobilidade e em todos os domínios da vida cotidiana hoje, na contemporaneidade, mais do que nunca, inventamos novos “espaços” e esvaziamos outros “lugares”. Os sentidos dos espaços estão sendo redimensionados. Antes, tínhamos a sociabilidade ordenando o nosso modo de nos deslocar por espaços públicos e hoje os deslocamentos realizados em espaços esvaziados de sentido nos impõem novos modos de interação (MAIA, 2003).

A partir dessa observação, podemos pensar no avanço da Internet, e em especial do despontamento das comunidades virtuais, como potencializadoras dessas novas formas de sociabilização, que por sua vez englobam características que tendem para uma forma ainda meio que truncada de cosmopolitismo.

Complementando, afirma Prysthon (2005), sem ignorar os obstáculos, a internet, e mais especificamente as comunidades virtuais, podem se afirmar como um dos meios de comunicação relevantes na construção de uma sociabilidade, onde pode-se levar em conta fatores como o ‘pluralismo cultural’, e o ‘cosmopolitismo virtual’.

No entanto, o primeiro passo para a demarcação desses modos é identificar alguns dos sentidos que circulam em torno a uma noção de cosmopolita / cosmopolitismo. O cosmopolitismo, em sua denominação original pode ser entendido como o acesso a culturas diversas e sua vivência por meio da experiência de viagem (Hannerz, 1998).

O Dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda também aponta as seguintes dimensões para os termos:

Cosmopolita [Do grego Kosmopolites] S. 2g. 1. Indivíduo que vive ora num país, ora noutro, adotando-lhes com facilidade usos e costumes. 2. Pessoa que se julga cidadão do mundo inteiro, ou para quem a pátria é o mundo. 3. Que passa a vida a viajar em diversos países. 4. Que é de todos os países. 5. Que apresenta aspectos comuns a vários países: São Paulo é uma cidade cosmopolita. 6. Que sofre influência do estrangeiro: mentalidade cosmopolita. 7. Próprio de cosmopolita (1 e 2): costumes cosmopolitas. 8. Bot. Diz-se das espécies que se espalham pela maior parte do globo, espontaneamente.

Cosmopolitismo S. m. 1. Qualidade ou maneira de viver de cosmopolita: “O bairrismo do povo contrastava com o cosmopolitismo dos fidalgos” (Antero de Figueiredo, Leonor Teles, p.74). 2. Filos. Atitude ou doutrina que prega a indiferença ante a cultura, os interesses e/ou soberanias nacionais, com a alegação de que a pátria de todos os homens é o Universo.

As várias acepções apresentadas pelo dicionário aludem a uma espécie de privilégio. Primeiro, da parte do sujeito: o cosmopolita como aquele que não está apenas “fora”, mas “acima” do comum, um indivíduo sofisticado, diferente e capaz de lidar com um repertório mais diverso que a maioria das pessoas. Também no sentido de um lugar que pressuporia todos os outros lugares: uma cidade “universal”, uma metrópole ideal. Tais definições revelam igualmente um valor de contraste. O cosmopolita vai, assim, sendo contraposto ao provinciano. Com a oposição à concepção de nação, o cosmopolitismo afilia-se a um ideal universal. Com a negação do provincianismo, contudo, emergem os limites (contidos paradoxalmente na própria idéia de livre-trânsito) (PRYSTHON, 2005).

A metrópole é indubitavelmente o parâmetro básico para a composição da diversidade que define o cosmopolita e o cosmopolitismo. Entretanto, este conceito vai sendo modificado, por uma dialética da modernidade, que traz à tona outros agentes. Assim, o cosmopolitismo não somente alinha-se ao progresso e à abertura ao futuro, como se vê obrigado a inventar um certo passado ao qual se opor. O cosmopolita desenha seus percursos de acordo com uma crença não exatamente no progresso linear, mas numa sucessão interminável de novidades perpetuamente renováveis (PRYSTHON, 2005).

A história dos deslocamentos é marcante na sociedade. Experimentamos, de maneira intensa, a sensação de viajar, nos deslocar, sem sair da poltrona. E isso de modo cotidiano e dentro de nossas casas. Diante da televisão podíamos nos transportar para países distantes, ver e, de certa forma, viver em paraísos jamais imaginados. Os deslocamentos nesse momento podiam se realizar na imaginação e o corpo não precisavam se mobilizar concretamente (MAIA, 2003). E agora,

[...] continuamos, com a ajuda da alta tecnologia, a perambular por novos espaços e buscando pessoas estranhas para nos relacionar e interagir de diversas formas. Um desses espaços, com certeza, é o da internet. [...] (MAIA, 2003).

E é a partir daí que podemos vislumbrar um dos predicados do que se aponta atualmente como cosmopolita pós-moderno. O cosmopolita pós-moderno é um dos sujeitos principais da construção de uma nova instância do conceito de cosmopolitismo. É esse sujeito, então, que pode estar estabelecendo novos centros, demarcando outros territórios.

De acordo com a visão de Maia (2003), os modos de vida vão se transformando de acordo com o uso que fazemos dos nossos espaços.

Nesse momento das sociabilidades modernas podemos constatar que as formas comunitárias que são fundadas por sentimentos, afetividades e emoções compartilhadas cedem lugar a relações contratuais. As regras não são mais criadas no interior de uma comunidade, mas na autoridade exterior, na sociedade moderna, com seus códigos e leis.

A perspectiva do cosmopolita pode compor-se apenas de experiências de culturas diferentes com períodos de estadia em lugares diferentes. Porém, ele também pode estar envolvido com determinadas culturas que são veiculadas por uma rede transnacional ao invés de um território. É realmente o crescimento e a proliferação dessas culturas e dessas redes sociais na época atual que podem gerar uma maior contingente de cosmopolitas, do que havia em quaisquer outras épocas (HANNERZ, 1998).

O cosmopolitismo, especialmente o do século XXI, é extremamente marcado pela relação com a tecnologia. A técnica é um dos instrumentos que o cosmopolita usa para olhar e conceber modernamente o mundo ao seu redor. A tecnologia diminui distâncias e tempos, faz a diferença mais próxima, define e redefine para o cidadão novos cenários a cada instante.

Entretanto, para se explorar as relações entre tecnologia e cultura, é importante destacar o quanto tais relações são marcadas por uma idéia de cosmopolitismo. Pensar as interfaces da tecnologia na cultura implica em desvendar uma relação com o mundo pretensamente aberta e universal.

McLuhan citado por Hannerz (1998), descreveu certa vez como a força explosiva da mídia pode tornar quase todo mundo um pouco cosmopolita, pois atualmente, de certa forma é possível tornar-se um pouco cosmopolita sem viajar pelo mundo afora.

Cada vez menos importa onde se está, mas como fazer fluir a informação para todos os lugares da maneira mais rápida possível. O cosmopolitismo pós-moderno, portanto, tem mais relação com o desenvolvimento tecnológico da mídia e de novas formas de comunicação do que com a urbanidade e o cotidiano metropolitano. A própria configuração urbana contemporânea vai sendo determinada pelo imaginário cultural e conceitual do pós-moderno (PRYSTHON, 2005).

As pessoas expostas à diversidade e à tecnologia em vários tipos e tamanhos de cidades diferentes fazem com que o cosmopolitismo torne-se uma condição quase geral do cidadão comum pós-moderno, mais do que um privilégio exclusivo da elite.

Contudo, o elo do cosmopolitismo com a tecnologia não tem nada de unidimensional. A mirada cosmopolita não ignora o lado obscuro da tecnologia, e não se pode menosprezar, fatores como a exclusão digital e o descompasso tecnológico, que ainda restringe o acesso à internet à maioria dos cidadãos brasileiros.

É visível que, no caso particular do Brasil, a maior parte das pessoas com este acesso pertencem às classes A e B e se aglomera nas regiões sul e sudeste. No entanto programas de inserção social como por exemplo o ‘VIVA RIO’, tem-se mostrado atento no que diz respeito a inclusão digital, das pessoas que teoricamente não poderiam, devido à questões financeiras, ter acesso à rede (SORJ, 2003).

É indiscutível, todavia, que prevalece na perspectiva cosmopolita o caráter otimista frente à tecnologia, pois ela é parte constituinte de um projeto de futuro para a sociedade, e é para o cosmopolita um dos elementos básicos do presente e a potencialidade de um futuro melhor (PRYSTHON, 2005).

O cosmopolita pós-moderno, afirma Pristhon (2005), tenta definir a modernidade a partir de uma instância ambígua e aponta justamente os elementos que fazem da periferia um modelo de modernidade alternativa. Ou seja, ele trabalha nos interstícios de uma realidade e tradição locais e de uma cultura urbana internacional,

aspiracional e moderna. Castells salienta que a internet é uma estrutura organizativa e um instrumento de comunicação que conferem flexibilidade às mobilizações sociais, possibilitando ao mesmo tempo, a coordenação das lutas nos níveis locais e globais (CASTELLS, 2001).

Podemos identificar então uma visão caleidoscópica possibilitada pela modernidade, mais especificamente pelo ambiente virtual. Ao mesmo tempo em que se cultua uma localidade, se está em contato com o mundo todo, fortificando assim a globalidade. E a partir dessa idéia de localismo e globalismo, podemos pensar nas comunidades virtuais como potencializadoras desse processo, uma vez que as mesmas possibilitam tanto uma manutenção de uma cultura local, como a interação com culturas de muitos locais diferentes, e até países diferentes.

## **5. Considerações Finais**

“Uma tentativa de vislumbrar o novo espaço que surge na contemporaneidade é na verdade pensar a possibilidade de se viver a sociabilidade sem o espaço moderno do civil, ao lado dos espaços vazios que foram produzidos na modernidade” (MAIA, 2003).

Essa afirmação, nos faz repensar tanto no modo como se deram as interações culturais em tempos remotos, como nas novas formas de intercâmbio encontradas em nossa sociedade. Percebemos que desde os primórdios da humanidade o homem se ocupa em se locomover e delimitar novos espaços, e com a facilidade dos primeiros meios de transporte (animais), o contato do homem com outras formas de pensar, agir e interagir, ou seja, outras culturas, foi facilitado.

Desse momento em diante, embora não tenhamos condição de demarcá-lo ao certo, o homem criou condições de agir de forma cosmopolita, mesmo que ainda inconscientemente. No entanto, com o passar dos séculos, esse processo foi sendo sempre aprimorado e de certa forma facilitado pelos meios criados pelos próprios homens; meios estes que denominamos hoje de novas tecnologias. Com certeza, as tecnologias criadas há cinquenta anos atrás, que hoje já não possuem o adjetivo “novas”, certamente eram novas para a época.

E assim viemos, por um longo período de evolução, relacionando as criações dos homens à facilidade de viajar, e entrar em contato com culturas distintas, fazendo um elo de ligação que atualmente é cada vez mais acentuado entre cosmopolitismo, multiculturalismo e tecnologias.

Essa nova fase do cosmopolitismo pode ser vista então como conseqüência do que se convencionou chamar de globalização. Admitindo certos aspectos “evolutivos” dessas manifestações do cosmopolitismo mencionadas até aqui, cabe ressaltar, contudo, que essas passagens, esses momentos cosmopolitas não são reflexos de um trajeto meramente linear onde se parte de um ponto para chegar a outro. As várias fases e acepções do cosmopolitismo cruzam-se, confundem-se, interpenetram-se não apenas entre si, mas em permanente contato com outros elementos de uma territorialização cultural (PRYSTHON, 2005).

A partir disso, podemos pensar as comunidades virtuais como potencializadoras e facilitadoras do ‘tornar-se cosmopolita’. Embora não tenhamos pretensão em afirmar que o cosmopolita da era pós-moderna deixará por completo todas as características do cosmopolitismo tradicional, podemos vislumbrar as comunidades virtuais como uma forma alternativa de realização desse processo, pois a mesma permite um intercâmbio de informações, interações e contatos culturais dos mais diversos níveis, e com uma certa facilidade devido à não necessidade de um deslocamento territorial.

As comunidades virtuais podem então ser enriquecedoramente complementares nesse processo, pois o cosmopolita pode além das viagens convencionais típicas do cosmopolitismo, agora contar com mais uma forma de interação cultural: as comunidades virtuais, pois elas permitem primeiramente um contato com diversas culturas devido aos participantes de comunidades virtuais poderem ser de qualquer região ou cultura específica), e também a possibilidade de participar de várias comunidades virtuais diferentes – nos permitindo ‘viajar’ pelas distintas comunidades virtuais, manter contato, e principalmente interagir com outras pessoas, estando sempre em contato com os ideais, os valores, crenças e desejos específicos de cada comunidade virtual.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Artigo 2 – Da diversidade cultural ao pluralismo cultural. Disponível em:

[http://www.comitepaz.org.br/Dec\\_DiversiCul.htm](http://www.comitepaz.org.br/Dec_DiversiCul.htm). Acesso em: 23/06/2005.

- Dicionário eletrônico Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 1996.
- HALL, Stuart. A Questão Multicultural. In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- IBOPE, NetRatings. Relatório do uso da internet no Brasil. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalI>. Acesso em 25/07/2005.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.
- MAIA, João. Deslocamentos e circulações nas cidades: a história dos deslocamentos modernos e da mobilidade e circulação aberta na contemporaneidade. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte - MG. **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.
- MARCELO, Ana Sofia André Bentes. Novos *media*: inauguração de novas formas de sociabilidade. In: II CONGRESSO IBÉRICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004, Covilhã-Portugal. **Anais Eletrônicos**. 2004.
- MORAES, Denis de. Comunicação alternativa e redes virtuais: os movimentos sociais na internet. Disponível em: [www.eco.ufrj.br/semiosfera](http://www.eco.ufrj.br/semiosfera). Acesso em: 10/05/2005.
- PALÁCIOS, Marcos. Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamentos para a discussão. Disponível em <http://facom.ufba.br/pesquisa/ciber/palacios>. Acesso em 19/03/2005.
- PRYSTHON, Ângela. Cosmopolitismo, identidade e tecnologia: embates culturais no contemporâneo. Disponível em [www.eco.ufrj.br/semiosfera](http://www.eco.ufrj.br/semiosfera). Acesso em 27/04/2005.
- RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 2001, Porto Alegre – RS. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: PUCRS, 2001
- RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- TAJRA, Sammya Feitosa. **Comunidades virtuais: um fenômeno na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Érica, 2002.
- TEIXEIRA FILHO, Jaime. **Comunidades virtuais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Ed. Moraes, 1987.
- WELLMAN, Barry et al. Computer networks as social networks: collaborative work, telework, and virtual community. **Annual Reviews of Sociology**. v. 22, p.213-238, 1996.